

sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n26 | 2011/2

**CENTRE FOR
CULTURE AND
TECHNOLOGY**



3

Entrevista com

IRENE MACHADO

Entrevista: Polianne Espindola¹
Decupagem: Marcia Christofoli²



Irene Machado, Livre Docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA, Bacharel em Letras, pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, Doutora em Letras pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Como professora de semiótica da cultura, tem direcionado sua pesquisa para analisar os códigos culturais e das mídias e seu interesse pela obra de McLuhan se deve ao estudo das mensagens como fenômeno de troca, na compreensão destes mecanismos.

Sessões do Imaginário: Como pensar imagem a partir da lógica das tecnologias da informação e comunicação contemporânea? A escrita ainda terá seu espaço, sendo a imagem técnica um modo muito difundido de experienciar o mundo?

Irene Machado: Eu gosto de pensar, em primeiro lugar, uma definição de imagem e de escrita com a qual nós estamos trabalhando, porque, veja bem, aquilo que normalmente se fala ou se entende por imagem tem a ver com o uso de um equipamento. É necessário fazer uma distinção pelo fato de que o que se fala normalmente a respeito de imagem, uma ideia comum, é uma manifestação específica que começa na cultura visual; a cultura visual e,

A pesquisadora participou do Seminário Internacional da Comunicação na PUCRS, em 2011, com a palestra 'Para compreender a cultura do entretenimento em suas dimensões perceptuais e cognitivas', onde abordou a forma que os processos da linguagem podem ser entendidos, assim como em McLuhan, como interações entre emissão de informação, recepção de informação, canais de transmissão e os códigos que permeiam esta mensagem, sejam eles de ordem individual, cultural, mercadológica, política ou mecânica. A revista Sessões do Imaginário conversou com a teórica que falou um pouco mais sobre os entrecruzamentos de sua pesquisa e a teoria mcluhiana.

sobretudo, aquela que foi gerada por fotografia, ou seja, já dentro de um período de mediação de meios de comunicação. Só que cultura visual não é só isso, a cultura visual tem todo um lastro, e é sobre este lastro que eu tenho me debruçado, é este lastro que, de certa forma, tem orientado mais o meu pensamento. E esta cultura visual tem a ver com padrões de um regime, vamos dizer assim, de linguagem, sobretudo aquela que se instala a partir do alfabeto. Então eu já posso entrar na questão da escrita, naquilo que você me propõe sobre escrita. Olha, escrita é muita coisa, escrita não é somente a escrita alfabética, e a escrita alfabética realmente criou uma hierarquia e uma dominação, uma escala de valores onde o escrito alfabético, por

exemplo, tem uma importância maior, sobretudo na nossa civilização ocidental. Agora quando você pensa escrita, por exemplo, como uma inscrição rupestre ou, num país como o nosso, quando você pensa em escrita do ponto de vista da própria inscrição que índios, os nossos habitantes pré-históricos fizeram no espaço, do ponto de vista da sua organização de vida, nas suas comunidades, na sua ocupação de espaço, nas suas inscrições corporais, nos seus pictogramas, a gente vai acabar encontrando uma ancestralidade que tem a ver também com os pictogramas de outras civilizações, como é o caso dos egípcios, o caso do ideograma. Então veja, todo esse leque de possibilidades é escrita. Acontece que a nossa civilização privilegiou e se desenvolveu no contexto da escrita alfabética. Então, nesse sentido, eu não posso dizer se o alfabeto vai terminar ou não, para poder dizer o final da escrita. Aquilo que se fala de final da escrita é alguma coisa um pouco mal entendida, me parece, muito mal explicada por parte daqueles que se pronunciam desta forma, porque o nosso sistema digital tem toda uma inscrição de códigos, o bit código. Você está escrevendo, de certa forma, com aquele código, você está escrevendo, de certa forma, com fotografia, você está escrevendo com gestos. Quer dizer, esta ideia de que você está fazendo uma intervenção em espaços com códigos, é o que me parece aqui, é a nossa prática dominante, e que nós convenciamos chamar de escrita, esse nome de escrita à esta imensa possibilidade; porque na verdade o que está na base de tudo isso é um sistema gráfico, que combina não somente letras, mas também números. E você tem um processo digital conversando particularmente com este sistema de letras. Então veja, quando a gente olha por este viés, quando você fala: "Espera aí, é próprio, é legítimo a gente falar num fim?" Será que não é outra possibilidade, outra

forma, uma transmutação no processo?

Você citou uma palavra chave que é experiência, porque experiência tem a ver com ação, que tanto ela pode se desmembrar num plano empírico, num espaço e num lugar, como ela pode se prolongar, ela pode se realizar num espaço que não é desta ordem, que é o imaginário. Então a ideia de experiência me parece fundamental. Eu não sinto necessariamente ameaças nesse sentido, porque o imaginário é o que nos move e o que nos sustenta, inclusive é o que está na base desta pergunta. Eu não vejo uma ameaça, o que eu vejo é ênfase. Dentro de um plano de vida, num plano de uma experiência de vida, que é uma vida de uma ação política, de uma ação social, muito ditada por alguns parâmetros, vamos dizer um parâmetro econômico; dentro dessa lógica, dentro dessa esfera, é que você tem aí uma diminuição dessa prevalência do imaginário, e é isso que você diz, que as coisas parecem vir todas prontas. E que também tem a ver com essa outra prevalência, que você também citou, que é uma valorização muito maior de imagens visuais, de figuras, do que de um texto verbal escrito. Dentro do meu pensamento, seria uma valorização muito maior de uma figuratividade, de uma referência, do que de um raciocínio. Então, é uma possibilidade até de não pensar, de ter apenas as referências, e tudo acontecer num plano de superfície. Veja, eu acho que isso é uma esfera, é uma determinada vertente de alcance, porque eu acredito muito nas outras possibilidades do ser humano, e sobretudo inserido em cultura.

É claro que o imaginário, talvez, pelo menos no meu modo de ver, e que possa talvez até ser um pouco limitado, esteja num plano tão diferenciado deste outro, vamos dizer assim, mais mercadológico, que parece que o mundo é um monstro, que vai abocanhar o outro a qualquer momento.

Agora, a coabitação não pode ser pensada se você leva em consideração apenas o parâmetro do mercadológico, do ponto de vista econômico. Eu acho que é num outro plano, que é o plano realmente da experiência, a experiência humana nesta vida, neste sistema de vida. Eu não reduzo apenas a um indivíduo e ao homem. É naquela ampla esfera daquilo que a gente possa entender por *bios*. *Bios* é tudo que significa vida, então é a vida do homem, é a vida de animais, é a vida de plantas. Ou seja, eu posso até falar de indivíduo, se você me permitir chamar uma planta de um indivíduo. Se você me permitir falar que a planta é um indivíduo, aí eu consigo usar a palavra indivíduo neste nível. Veja, aí nós estamos operando num nível de imaginário para o qual, inclusive, muitas conquistas tecnológicas nos ajudam. Então eu penso que é inverter o polo da questão, é não pensar a tecnologia como uma coisa que está fora, mas alguma coisa que permite trabalhar com o que está dentro. Eu entendo que é um pensamento, que é uma unidade ecológica, uma ecologia, ou seja, onde você tem uma diversidade de vidas colaborando nesta escala de *bios*. E dentro dele, faz parte dele também, descobertas, inclusive tecnológicas. Aí sim eu vejo uma possibilidade de convivência, que, experiências artísticas e científicas, também colaboram. É outra possibilidade de integração, porque isso tem a ver com o *modus operandis* que o homem introduziu na Terra. Introduziu no sentido de, num momento dado da evolução, ele manifesta esta capacidade para a linguagem, esta capacidade de projeção de mente. Agora, isso não é exclusividade. Projetar não significa que seja exclusivo. Então, colocar no nosso horizonte de expectativa que possa existir mentes fora do cérebro humano, na ampla escala do *bios* você tem a possibilidade de emergência de mente, você leva o pensamento sobre imaginário para outra direção.

SI: Uma vez que a evolução tecnológica propiciou que tenhamos hoje meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores), seriam eles ainda mais “extensões do homem” do que o eram os meios de massa antigamente? Na sua visão, em que medida e de que forma é o papel deles como “extensões do homem”?

IM: O conceito de extensão, para o McLuhan, foi divulgado de ponto a ponto, então, por exemplo, num determinado nível do pensamento, a extensão é a extensão da mão. A juventude hoje, que está com uma latinha de cerveja, diz que a latinha de cerveja é extensão natural da mão. Então é um pensamento de termo a termo. A câmera como extensão do olho, a roda como extensão do pé. São várias extensões termo a termo. Quando McLuhan começa a pensar o prolongamento do sistema nervoso central, que é esta exteriorização (ir para o externo aquilo que é o interno, mas não porque é propriedade do interno, mas porque é uma dinâmica de correlação que é dada na escala do *bios*, na escala da evolução), me parece que o conceito de extensão muda, ele ganha outra dimensão, que já não é mais termo a termo. Porque quando você está falando de sistema nervoso, você está falando de projeção de mente, você não está falando de um órgão que se prolonga, ou que se estende, você está falando de uma dinâmica de relações. Então esta extensão ela acaba entrando mais no viés de uma propagação, de uma expansão. E o expandir é diferente do extender. Porque o extender vai do ponto ao ponto, eu vou puxar uma extensão daquele fio, então significa que eu tenho que extender ponto a ponto. Ao passo que o que você observa, você mesma trouxe o exemplo, dessas possibilidades que nós temos de conjugação, o texto é texto

verbal porque ele tem palavras, mas ao mesmo tempo a palavra pode ser um grafismo, uma forma gráfica, ela pode ser uma paisagem, ela pode ser um som. Ou eu tenho filme, eu tenho audiovisual, eu tenho cinético, eu tenho explorações do ponto de vista tátil, eu tenho esses ambientes, sobretudo nestas experiências artísticas, essas performances, em que você tem a projeção de sensorialidades, de tato. Você entra em algumas exposições, você entra num ambiente para ter uma experiência tátil, para ter uma experiência sonora, para ter uma experiência olfativa, ou seja, um ambiente que vai elaborar uma ativação sensorial. Então, neste campo, você não está falando mais de extensão, você está falando de expansão, inclusive para lugares imprevisíveis. Que eu acho, também, de certa forma, que as tecnologias digitais têm colaborado para isso. Eu faço um caminho um pouco inverso para pensar. Ela não é uma ameaça, mas ela é uma criação, ela é uma geração de inteligências que se projetaram em vários níveis.

A partir do momento que você admite, que você reconhece que existem conquistas, que existem descobertas, não dá para falar que era igual ao que era antes, impossível. E, sobretudo, a própria compreensão, não do termo a termo, mas da expansão do ponto de vista de uma reverberação, é outra conquista que também só é possível a partir de alguns aparatos, inclusive de ferramentas tecnológicas. Não dá nunca para dizer que é a mesma coisa. Uma coisa é você pensar um plano de bidimensionalidade, que é onde se comporta toda a projeção escrita, até mesmo uma fotografia, quando ela é imagem visual, no plano do papel. É este espaço que realmente está em transformação muito forte porque você está lidando agora com telas. Agora, estas telas elétricas já não são mais a tela elétrica de uma pintura; e você chamava também de tela, mas é outra tela, ou seja, uma

expansão. Expansão, se você for pensar bem, de um sistema nervoso; então não se trata, não me parece, em hipótese alguma, uma reconstituição, mas me parece que é essa guinada, se é que eu posso falar assim, essa guinada ecológica, e que, de certa forma, me parece, pelo menos no modo como eu entendo, que é esse conceito de renascença que o professor Eric falou hoje na sua conferência. Renascença porque ela não desconsidera, mas não é que volta. Ela não desconsidera, é uma experiência cultural, histórica, civilizacional. Renascença nesse sentido, de um legado mesmo, de uma ação, de civilização. E chamando atenção para as suas implicações.

SI: No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

IM: Mudanças eu acredito que são inegáveis. Não admitir isso me parece completamente sem sentido. Eu acho que mudanças nas relações existem. E, sobretudo, porque mudam as formas, não tem jeito, você não usa mais os mesmos procedimentos. Você dispõe da sua escala diária de outra forma. Eu vivi numa época em que você tinha que ter um horário, por exemplo, para falar no telefone, porque fora daquele horário você não encontraria a pessoa. Então você tinha um horário para falar. Hoje em dia você não tem mais horário, sobretudo porque você não precisa falar, necessariamente. Você tem outras possibilidades, que tem a ver com códigos. Você pode escrever, você pode mandar uma fotografia, você pode fazer uma série de coisas. Então na verdade o que muda, me parece, o fundamental, é a mudança da concepção de espaço, não é mais o lugar, mas é esse processo de reverberação, porque o próprio corpo já não é mais o corpo no lugar, essa porosidade, essa projeção. É essa dimensão que me parece

fundamental de mudança, e que, de certa forma, é um pouco assustadora, porque ela mexe com o nosso conceito de espaço, com o nosso conceito de lugar e com raízes, com o conceito de tempo. Não dá para você falar que não há mudanças na sociabilidade, nas relações sociais, quando você não tem mais esta dimensão de espaço de relação, o espaço de relação agora, é outro. E isso não dá para negar. O maior mote dessa sociabilidade, dessa troca, é a mudança no espaço de relação, não é a relação de espaço, é o espaço de relação, porque é nesta outra dimensão, que já não é mais locativa, vamos dizer assim, um local específico. Como diz McLuhan, é um conteúdo para a coisa, o que ele chama de ambiente, o *environment*, é outra dimensão, que é da ordem, inclusive, da invisibilidade, que não é aquilo que é visível. E quando você pode falar ou interagir com pessoas fora do local, significa que você entra nessa outra dimensão, mesmo estando lá na sua casa ou no seu trabalho, ou na rua, não importa. Mas quando você aciona esta outra perspectiva de conversar, de interagir com uma pessoa fora, significa então, a interação nesse sentido evolutivo; tem a ver com a sua escolha naquele momento, então você entra nessa dimensão; são nuances esporádicas. Não é que elimina, você tem acréscimos. E a gente talvez até tenha um pouco de dificuldade de lidar com estes acréscimos porque a gente talvez tenha vivido num tempo muito forte de, vamos dizer assim, precisão. Nesse sentido, a escrita alfabética tem uma grande parcela de culpa nessa história, porque ela fixa lugares, é a visão de lugar, visão de espaço do ponto de vista de lugar. Ao passo que quando você lida com tecnologias como estas, digitais, informática, satélite, as relações são outras, em todos os níveis; não é só na minha experiência pessoal, é na vida política, é na própria configuração de imagem de mundo.

SI: Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos, como coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias?

IM: Veja, eu acho que outro aprendizado a ser feito, mas que eu penso que ainda não temos muitos instrumentos para fazer, é achar que tudo depende de nós, que nós podemos mudar. Não, nós estamos na mudança. Então não somos nós que, deliberadamente, vamos mudar. Nós estamos na mudança para as quais nós contribuimos para que elas existissem. Porque quando a gente fala assim “Ah, então existe a mudança, então essa mudança trouxe um acomodamento da pessoa, então como é que a gente faz para mudar, para mudar esse acomodamento e talvez voltar a ser o idílio que era?”. E, muitas vezes, aparece essa ideia nostálgica. A grande dificuldade da mudança é entender que nós estamos na mudança, que nós fizemos a mudança. Mas só que não depende muito da nossa vontade propor caminhos. Os caminhos eles devem ser feitos, como sempre. Nós estamos num *cosmos*, e este *cosmos*, veja, é o nosso grande imaginário, eu não sei se ele é real, mas ele existe. E é bom que fique o paradoxo. Eu penso que, nesse sentido, é preciso entrar na mudança, e isso que eu falo que a gente tem muita dificuldade de admitir. Porque entrar na mudança é estar no movimento, e não ter muita margem pra onde as coisas estão caminhando. O que você pode fazer é acionar, sim, um nível de reflexão, acionar, sim, todas as possibilidades de mente, para poder entender. Eu acho que a contribuição de McLuhan também é nesse sentido, o fundamental é entendimento.

É num nível da experiência que existe esta facilitação, este acomodamento, e até um investimento para que este *status quo* não se

modifique. Quando eu penso, por exemplo, do ponto de vista das esferas políticas, eu tenho certeza absoluta que não há nenhum interesse que haja mudança, que haja percepção de mudanças e caminhos. Política que eu digo do ponto de vista de um sistema já constituído e organizado, já pensado. Mas mesmo aí, se você for pensar bem, as grandes crises que a gente está assistindo hoje, no plano econômico, na Europa, que vai e não vai... O quê que é isto? Veja, o sistema não estava elaborado, não estava preparado e, no entanto, não existe vontade de muitos, nós não temos uma quebra de ordem? Inclusive por injunções que foram feitas, que os próprios envolvidos bancaram, investiram naquilo. Então, quer dizer, é você estar na mudança, é você perceber a mudança, estar na mudança e mesmo assim acionar entendimento. Esta dimensão eu acredito que é uma dimensão humana, e que ela não foi perdida.

Eu ainda sou favorável, e ainda entendo, não somente a academia, mas que toda a forma de educação, no sentido amplo, é para o entendimento, é para a reflexão. Onde quer que aconteça. Quando eu tenho uma comunidade de pescadores, que está lá tentando entender o ciclo do tempo, para poder realizar a sua atividade, isto é um conhecimento, é um entendimento. Então veja, não é a academia, mas nós estamos nela, que foi definida como um lugar “de”. Então a gente tem que fazer honrar este espaço, a nossa obrigação.

SI: O Imaginário atua sobre as práticas sociais – bem como sobre os meios e as mensagens – que, por sua vez, o nutrem num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

IM: Eu não entendo a frase do McLuhan, “o meio é a mensagem”, como sendo duas instâncias.

Sobretudo porque eu entendo que existe aí, nesse processo, que hoje nós falamos de linguagem, de comunicação, por exemplo, experiências antropológicas, o quê é fundamental num primeiro momento: esse contato com o entorno; e é deste contato, deste impulso para o entorno, o impulso para o outro (que é o outro, não é exatamente outra pessoa com quem compartilhar, é outro), este impulso ancestral, me parece, ele é meio e mensagem, não tem como separar. E também você não tem como separar esta concepção de imaginário. E eu volto neste campo conceitual, de formulação, porque eu acho que muitas vezes ele é completamente eliminado, como se não fizesse parte. E a não consideração desta dimensão, ou deste horizonte, faz com que a gente separe tudo. Eu não consigo ver separado, porque o modo como nos formamos, da nossa experiência cultural, antropológica, dentro deste *cosmos*, nesse espaço de *bios*, estas dimensões estão todas conjugadas, aliás, elas fazem parte. E se você tira, ou se você separa uma, evidentemente você não está mais considerando aquele fenômeno. Você vai considerar outra coisa, não aquele. Então já que eu tenho que pensar em experiência, a experiência, me parece, esta conjugação, e, sobretudo, este lançamento para o outro. E o outro é uma dimensão que não, necessariamente, é do meu horizonte perceptivo visível, é, muitas vezes, no plano da invisibilidade. Nada prevalece. Se tivermos que eleger algo, seria a relação.

Notas

1- Doutoranda em Comunicação Social - PUCRS.
Email: poliannespindola@gmail.com

2- Doutoranda em Comunicação Social - PUCRS.
Email: marciapillon@yahoo.com.br